



Revista Brasileira de História
ISSN: 0102-0188
rbh@edu.usp.br
Associação Nacional de História
Brasil

Barbosa Azevedo, Crislane
Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de
Sergipe no início do século XX
Revista Brasileira de História, vol. 31, núm. 62, diciembre, 2011, pp. 93-115
Associação Nacional de História
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26321451007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX

The Celebration of Civism and the Promotion of Education: the ritualized daily life of elementary schools in Sergipe at the beginning of the 20th century

Crislane Barbosa Azevedo*

RESUMO

A instituição dos grupos escolares no início do século XX em Sergipe representou considerável transformação na organização do ensino escolar público. Neste artigo buscou-se compreender o funcionamento cotidiano de tais instituições por meio da identificação e análise dos diferentes eventos de caráter escolar e cívico ocorridos nos grupos. Com base em pesquisa bibliográfica e documental desenvolvida sob perspectiva histórica, percebeu-se que as diferentes cerimônias presentes nos grupos, além de momentos de legitimação da escola primária perante a sociedade convertiam-se em momentos de celebração do civismo em razão da propaganda das autoridades constituídas e da difusão do ideal de nação civilizada. Palavras-chave: civismo; grupos escolares; Sergipe.

ABSTRACT

The institution of *grupos escolares* (elementary schools) at the beginning of the twentieth century in Sergipe represented a considerable transformation of the organization of public teaching. In this article it is sought to understand the daily functioning of these institutions through the identification and analysis of different school and civic events that occurred in the *grupos*. Based on bibliographic and documentary research carried out from a historic perspective, it can be seen that the different ceremonies present in those schools, as well as moments of the legitimation of primary school in society, were converted into moments of the celebration of civism due to the propaganda of the constituted authorities and the diffusion of the ideal of the civilized nation.

Keywords: civism; elementary schools; Sergipe.

* Professora adjunta, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Centro de Educação – Departamento de Práticas Educativas e Currículo. Av. Capitão-Mor Gouveia, Lagoa Nova. 59000-000 Natal – RN – Brasil. crislaneazevedo@yahoo.com.br

Os grupos escolares foram elementos centrais da base do projeto educacional dos republicanos no Brasil. Instituições de ensino primário foram responsáveis pela institucionalização do ensino primário como um curso, posto que detentor de princípios, objetivos e estrutura curricular próprios. Símbolos da modernidade pedagógica do final do século XIX, possuíam os requisitos constituintes de uma escola moderna.

A escola moderna é aquela que possui espaço escolar próprio, cursos graduados em níveis e corpo profissional específico. Além disso, caracteriza-se pelo estabelecimento de regulamentos e estatutos. Estes seriam responsáveis pela criação de normas e convenções capazes de dar ritmo ao cotidiano escolar, transformando-o em uma espécie de ritual. Em virtude das várias determinações provenientes da Diretoria da Instrução Pública, através de regulamentos, programas e portarias, o cotidiano dos grupos escolares era marcado por uma série de eventos que terminavam ocupando um grande espaço nas práticas dos membros dessas instituições de ensino. Os grupos nasceram com a missão especial de contribuir para a formação do cidadão republicano e patriótico, razão por que eram vistos como verdadeiros templos poderosos na marcha pela instrução.

O aspecto de poder de tais estabelecimentos de ensino materializava-se, por exemplo, por meio do projeto arquitetônico de que eram alvo. Condicionando silenciosamente comportamentos e espacializando ações e disciplina, o projeto arquitetônico dos grupos emanava, simultaneamente, graciosidade e solidez. A constituição do espaço-escola materializada nos grupos escolares, com todas as suas características, tornou-se a mais pura definição de escola no Brasil.¹ Os grupos, assim, diferenciavam-se, fisicamente, das escolas isoladas.² A diferença em relação a estas se estendia também aos processos pedagógicos. Em Sergipe, a partir da instituição dos grupos, o método de ensino intuitivo tornou-se oficial para todas as escolas primárias públicas, buscando se contrapor ao ensino tradicional pautado na memorização mecânica dos conteúdos escolares e na prática dos castigos físicos.

Além do uso da pedagogia dos ‘processos intuitivos’, outros aspectos marcaram o cotidiano dos grupos escolares: Exames públicos, festas escolares, visitas de personalidades ilustres, comemorações de datas cívicas, canto de hinos, cerimônias de homenagens, exposição de trabalhos dos alunos, recepção de certificados, tudo contribuiu para a montagem do que seria o dia a dia dos grupos. Em contato com jornais do início da República, é constante a identificação de registros relativos a eventos festivos nos grupos, inclusive, em muitas ocasiões, com a descrição detalhada das cerimônias. A frequência com que

esses registros apareciam, muitas vezes como a manchete do periódico, incitava à análise.

Diante do exposto, questionou-se: por que a divulgação na imprensa dos eventos ocorridos nos grupos escolares? Que eventos de fato eram esses? Como estavam organizadas as diferentes cerimônias? Quais os seus objetivos? Dessa forma, neste artigo o objeto central são os eventos comemorativos ocorridos nos grupos escolares de Sergipe no início do século XX. Neste sentido, buscou-se identificar e analisar os diferentes eventos de caráter solene ocorridos nos grupos escolares sergipanos. A investigação pautou-se em pesquisa bibliográfica e documental, com ênfase em documentos provenientes dos antigos grupos (ofícios, atas e termos de visitas) e em documentação hemerográfica.

O presente artigo divide-se em duas partes. Na primeira, discorro acerca das aqui denominadas festas escolares. No segundo momento, atendo-me aos eventos aqui classificados, predominantemente, como de caráter cívico e patriótico.

Diretores, alunos e professoras viviam ritualisticamente o cotidiano nos grupos escolares. Logo à chegada, os alunos formavam para o canto de hinos acompanhados da professora e do diretor. Este, em geral, proferia algumas palavras às crianças ali reunidas, como lembra Araújo, ex-aluna do Grupo Escolar General Siqueira: “fazia fila, na ordem, e aí cantava um hino, depois o diretor falava, dizia umas palavras, aí entravam nas classes. Todos os dias, todos os dias tinha a formatura dos alunos e canto; na saída cantava também, saía cantando”.³

Assim como o canto frequente de hinos, as constantes comemorações de caráter escolar e, sobretudo, cívico contribuíam para a construção de uma tradição escolar permeada de valores culturais próprios do governo republicano. Esses acontecimentos consistiam em momentos de legitimação das escolas primárias perante a sociedade. Transformavam-se momentos festivos em verdadeiros espetáculos nos quais a simbologia republicana disseminava-se, contribuindo também assim para o fortalecimento e consequente legitimação popular do regime político recém-implantado.

AS FESTAS ESCOLARES

A presença de pessoas era grande nas cerimônias de encerramento do ano letivo em que ocorriam os exames finais dos grupos escolares. Além de familiares dos alunos, compareciam autoridades diversas. A festa do Grupo General Siqueira em 1922 é um bom exemplo:

o ato teve o comparecimento do sr. dr. Cyro Cordeiro de Farias, representando o exmo. sr. dr. presidente do Estado. / O ilustre chefe de Polícia fez a entrega dos diplomas aos alunos do 4º ano, que completaram o curso. / Na mesma ocasião o major Mecnas Peixoto, diretor do Grupo, fez a leitura das atas de exames de promoção depois do que agradeceu a comparência do dr. Cyro Cordeiro. / Este produziu belíssima alocução na qual fez expressivas referências à correta direção e ao corpo docente do Grupo. / Recitaram lindas poesias alusivas à Instrução a professora d. Elvira Guerra Fontes e um dos alunos daquele estabelecimento de ensino. / Ao retirar-se o representante do sr. presidente do Estado, foram entoados vários hinos por todos os alunos do grupo.⁴

Em anos seguintes, novamente lá estavam todos para prestigiar uma sempre nova e empolgante cerimônia de férias dos “Templos do Saber”.⁵ Em 1925, no mesmo Grupo, outra solenidade foi realizada. Nesta, além da leitura do resultado dos exames finais e da entrega dos certificados aos alunos aprovados, foram pronunciados discursos e recitativos pelos alunos e por algumas professoras. Ao final, foram entoados diversos hinos, seguidos de palavras do diretor do estabelecimento que se referiu, principalmente, às professoras do Grupo de modo honroso.⁶

De forma geral, o encerramento dos trabalhos letivos dos grupos contava, além dos exames e da entrega dos certificados aos alunos, com discursos proferidos por alguma autoridade do ensino ou do Estado, geralmente o diretor da instrução ou o próprio presidente de Sergipe. Ademais, nessas cerimônias, que eram públicas, havia apresentação musical, recitativos, representações, poesias e, sempre, hinos patrióticos.

Foi dessa mesma forma que o presidente Pereira Lobo (1918-22) encerrou a sessão de exames e a entrega de diplomas em 1919 no Grupo General Siqueira, quando afirmava que Sergipe, pequeno territorialmente, mas grande pela inteligência e capacidade de trabalho dos seus filhos, haveria de vencer pela instrução, pelo combate às trevas da ignorância. “Foram grandes e demorados os aplausos que abafaram as últimas palavras do honrado administrador, que teve então a cabeça coberta de flores sacudidas pelos alunos e alunas do Grupo”.⁷

O momento de apresentação das prendas e trabalhos manuais dos alunos também era algo para ser visto por toda a sociedade. Era mais um instante em que o sucesso, a qualidade e o rigor do ensino dessas instituições modelares estaria sendo provado. Após as diversas atividades da cerimônia de exames – discursos, poesias, músicas, recitativos, representações e entrega de prêmios

aos alunos – seguia-se a exposição dos trabalhos. Momento considerado especial, o de exposição dos trabalhos dos alunos, representava em tais comemorações um ensaio para o dever do trabalho, ainda que os responsáveis pelos materiais construídos fossem alunos de apenas seis ou sete anos de idade. Segundo o *Sergipe Jornal*, no Grupo Modelo, em novembro de 1922:

além da ordem, asseio, distinção de trato e prova inequívoca do aproveitamento das crianças que ali estudam, o que muito vivamente nos impressionou foi a exposição de prendas das discentes daquele departamento de educação, pela inteligência, graça e cuidado de que nos estão a falar esses trabalhos manuais, entre os quais muitos se encontram confeccionados por crianças de 6 e 7 anos, que à parte a liberdade de brincar, ensaiam desde já a justa obrigação do trabalho profícuo, um dos precisos e principais deveres da vida.⁸

Além da exposição de trabalhos dos alunos, havia espaço para a premiação de parte dos discentes. Como meio disciplinar, a premiação estava autorizada em Regulamento do ensino no que se refere às aulas. Consistia basicamente em elogio perante os alunos, elevação de classe, lugar de distinção em assento especial, inclusão do nome do aluno em quadro denominado de honra ou mesmo outra premiação mais bem definida pelo professor.

Como o grupo escolar era uma instituição modelar a ser vista por toda a sociedade, até mesmo as premiações dos alunos eram divulgadas pela imprensa da época. Dessa forma, os nomes dos alunos, além de expostos em quadro de honra no grupo escolar, eram publicados em jornais da Capital, como se percebe neste trecho do *Diário da Manhã*, de 1914:

O diretor deste Grupo [Escolar General Siqueira], usando da faculdade que lhe confere o Regulamento da Instrução Pública, art. 8º, § 1, letra c, fez ontem, em companhia das exmas. Professoras, a distribuição solene, entre 38 alunos de ambas as secções, de outros tantos Bilhetes de Satisfação, com os quais, além da estima de seus mestres e condiscípulos, gozarão dos direitos que lhes confere o citado art., letra d, e a inclusão final no Quadro de Honra. / Inúmeros foram os parabéns, abraços e vivas aos alunos igualmente distintos por seu procedimento durante o mês de Maio findo e cujos nomes vão pela ordem alfabética...⁹

Muitas vezes, nos exames finais, a premiação destinada aos alunos chegava a objetos concretos, ofertados por pessoas externas à escola. De acordo com o *Correio de Aracaju*, em 1919, no Grupo Escolar General Siqueira,

seguindo-se a entrega dos diplomas aos alunos que terminaram o curso elementar e logo após a dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano. Foram também distribuídos entre os alunos pobres os prêmios – José Policiano – ofertados generosamente pelo ilustre progenitor daquele saudoso moço, comendador Antonio José da Silva Cardoso. E como sempre, ao final, novas alocações eram feitas, e nesse caso o dr. Carvalho Netto, diretor da Instrução Pública, proferiu, em seguida, eloquente discurso a respeito do ato e terminou por lembrar a memória do jovem José Policiano, a quem rendeu uma homenagem de saudade / Foram depois recitados discursos alusivos por diversos colegas.¹⁰

A oferta de bens a alunos dos grupos escolares era frequente no período de implantação dessas instituições. Ela não se fazia apenas no final do ano letivo, mas durante todo o processo escolar por meio, por exemplo, das caixas escolares ou mesmo independentemente destas, como foi o caso da firma Ribeiro Chaves e Companhia. Esta, em 1919, ofertou ao Grupo General Valladão “o apreciável presente de 60 metros de brim kaki, destinados a fardamentos dos alunos”.¹¹ Esse fato, junto às visitas especiais¹² realizadas aos grupos e à grande assistência para os exames finais dos alunos, leva à conclusão de que existia comunicação entre a escola e a sociedade e, com isso, se disseminavam através da escola os novos valores que os republicanos queriam implantar.

Os grupos escolares, ao longo do ano letivo, contavam com visitas de personagens ilustres da sociedade sergipana, autoridades municipais, estaduais e até federais de passagem pelo Estado. Esses eventos também eram divulgados pela imprensa jornalística. Diretor, professoras e alunos recebiam os visitantes, os quais, além de discursarem, assistiam a aulas ou exercícios dos discentes. Nessas ocasiões, os alunos também cantavam hinos patrióticos.

As visitas eram realizadas obrigatoriamente pelos delegados do ensino e pelos inspetores escolares. De acordo com o Regulamento da Instrução, em cada localidade do interior deveria haver um delegado do diretor da instrução com a denominação de delegado do ensino. A estes, cujo cargo submetia-se ao do inspetor escolar, competiam, entre outras atribuições: inspecionar frequentemente as escolas sob sua jurisdição, fazer que o programa de ensino fosse executado e inteirar-se de aspectos relacionados à higiene escolar, à frequência e ao aproveitamento dos alunos, ao zelo dos discentes e à sua aptidão ao ensino, informando mensalmente, por ocasião das remessas dos boletins, se as professoras satisfaziam às exigências do ensino.¹³

O cargo de inspetor escolar poderia ser criado pelo governo, em número de três para a fiscalização do ensino no Estado, que seria dividido em três zo-

nas. Diferentemente dos delegados, os inspetores ocupavam o cargo por meio de concurso. Estes deveriam percorrer todas as escolas de sua zona uma vez por trimestre e, ao final de um ano, apresentar ao governo um relatório circunstanciado sobre as aulas, sua localização, aptidão, dedicação das professoras e aproveitamento das crianças, propondo medidas para a melhoria do ensino.¹⁴

Por conta disso, inspetores e delegados do ensino consistiam no público maior de visitantes dos grupos escolares.¹⁵ Esses profissionais, após as visitas, além de lavrarem um termo de visitas em livro próprio dos grupos para este fim, elaboravam relatórios para a Diretoria da Instrução.

Entretanto, não apenas inspetores e delegados visitavam os grupos; outras pessoas, sem o compromisso expresso da obrigatoriedade da visita e da fiscalização das especificidades das escolas, aos grupos dirigiam-se para conhecê-los. Por exemplo, o Grupo Escolar Fausto Cardoso (Simão Dias), em maio de 1925, contou com as visitas do dr. Antonio Carlos, chefe do Posto de Higiene da cidade, e do dr. Jessé Fontes, diretor do Grupo Escolar Gumercindo Bessa (Estância), o qual voltou acompanhado de representantes do corpo docente e discente da mesma instituição em dezembro de 1927.¹⁶

O Grupo Escolar Manoel Luiz (Aracaju) também serve de exemplo, pois em março de 1925 recebia a visita do delegado escolar do estado da Bahia, Alberto de Assis, que deixou lavrada em livro próprio a sua impressão:

Ao retirar-me desta casa o faço sob a mais forte das impressões. Sergipe resolveu no norte do Brasil o problema da instrução popular. Seus Grupos são verdadeiras revelações aos estudiosos das matérias pedagógicas. Haja vista este, que no momento me abriga, sob o patronato do nome do “Dr. Manoel Luiz” e direção da professora d. Leonor Telles de Menezes, forte organização de dirigente e de preceptora. / Oxalá o exemplo do glorioso estado de Sergipe mede na Federação Brasileira, diminuindo a chaga que nos acabrunha e atrapalha a boa marcha dos destinos do Brasil.¹⁷

O Grupo Escolar Severiano Cardoso (Boquim) também contou, no período inicial de seu funcionamento, com visita de membros de outros grupos do estado, como a realizada em março de 1930 pelo professor catedrático e diretor do Grupo Escolar Sylvio Romero (Lagarto), Possidônio Pinheiro da Rocha. O Grupo Olympio Campos (Neópolis), em abril de 1929, havia recebido a visita do diretor do Grupo Escolar General Siqueira (Aracaju), deputado Mecenaz Peixoto, com o cônego José Nabuco.¹⁸

O deputado Mecenaz Peixoto já havia visitado outros grupos em diferentes cidades. Em maio de 1927, na cidade de Propriá, visitou o Grupo Escolar João Fernandes de Brito, como informou à Diretoria da Instrução Pública o diretor do Grupo, dr. Etelvino de Menezes Tavares. O momento da visita consistiu em cerimônia cívica.

O Exm. Snr. deputado Mecenaz Peixoto de passagem por esta cidade visitou este Grupo e de acordo com as suas instruções em seção cívica no salão Hercílio Brito pronunciou na tarde de 13 de Maio, próximo findo uma bela conferência alegórica à grande data, sendo assistida por todo o professorado deste Grupo e das escolas isoladas e pelo elemento mais representativo da cidade. / Para a vossa apreciação, remeto-vos para cópia, o termo de visita e a ata que foi lavrada e assinada pelos presentes...¹⁹

Todo o aparato formado por cerimônias para visitantes ilustres, exames escolares, premiações, discursos, apresentações artísticas e exposição de trabalhos dos discentes era socialmente compartilhado e figurava como mérito, orgulho, para quem era aprovado no final do ano letivo nos grupos. Mérito atribuído não apenas pela autoridade da escola e até mesmo do estado, mas por toda a sociedade, que assistia, por exemplo, aos exames escolares nos salões dos grupos e poderia também acompanhar os resultados do processo avaliativo através da imprensa. Nos jornais, além dos nomes dos alunos, estavam presentes as suas respectivas notas. Lavradores, costureiras, pedreiros, pessoas de pouca renda e escolaridade tinham, nesse momento, os nomes dos seus filhos estampados nos jornais da cidade.²⁰ Orgulho para a família do cidadão republicano em formação que passava, a partir de então, a deter um reconhecimento, um valor social. A prática dos exames, por exemplo, além de normalizar, qualificar, classificar, sancionar e – por que não? – punir, contribuía também para a legitimação do ideal republicano por meio da ordem que instituiu, posta como meio para alcançar o progresso.

A construção de todo esse espetáculo na escola primária corresponde ao papel que a escola ganhou no início da República no Brasil. Conforme Carvalho, “a escola no imaginário republicano foi signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o Progresso”.²¹ Além disso, deve-se ter em mente que a República no Brasil não nasceu forte nos meios populares, nem marcada pelo envolvimento de todas as camadas sociais do país, nasceu frágil, brotou como fruto da ação de algumas forças – militares, oligarquia cafeeira e intelectuais positivistas –, necessitando de legitimação popular. Essa fragilidade da

República era bem conhecida dos adeptos do novo regime; prova disso foi a aceitação da liderança do Exército, por reconhecer que apenas ele teria condições de garantir a instalação e a sustentação da República nascente.

Era preciso criar a imagem do regime necessário, democrático, que conciliasse o progresso e a ordem. Por estar a maioria da população brasileira excluída do processo que levou à implantação da nova forma de governo, era necessário fazer que essa mesma maioria a aceitasse e, a partir de então, passasse também a contribuir para a legitimação republicana. Para isso era preciso a elaboração de um novo mundo simbólico, em que a República parecesse como algo necessário ao país. Nesse processo de elaboração do imaginário da República e da difusão de um discurso nacionalista, a escola primária exerceu um papel fundamental, por meio, entre outros aspectos, das festas escolares e solenidades cívicas.

CERIMÔNIAS CÍVICAS

As festas ocorridas nos grupos não diziam respeito apenas aos exames escolares, a determinadas visitas de personalidades consideradas ilustres e ao encerramento dos trabalhos letivos. Os eventos de caráter predominantemente cívico, que consistiam em momentos caros no projeto de educação do início do século XX, eram responsáveis também por cerimônias festivas. Fazia parte das orientações destinadas às professoras a realização de comemorações de cunho cívico e patriótico, como elementos integrantes da tradição escolar que se moldava.

Em termos de processo educacional propriamente, a professora deveria aparecer sempre como aquela que incentivava e orientava os alunos em suas tarefas, e não aquela que determinava. As professoras integravam, assim, a base para o sucesso da nova cultura escolar. A modernização pedagógica, entendida como ensino pautado no método intuitivo, que deveria ser trabalhado de forma prática, revelava-se desenvolvida em sala de aula ou em outros ambientes, como o das festas escolares, das quais pessoas externas aos grupos escolares poderiam participar. Dessa forma é que as professoras dos grupos poderiam ser consideradas não apenas como instrutoras de crianças, mas como professoras de toda uma sociedade.

Festas, comemorações e solenidades não ocorriam, portanto, apenas no final do ano letivo, quando eram realizados os exames finais. Outros motivos também levavam à execução de cerimônias festivas, a começar pela inauguração das instalações do grupo, evento largamente divulgado pela imprensa. O

Grupo Escolar General Valladão, por exemplo, teve a sua inauguração registrada nos periódicos da cidade. O *Diário da Manhã* desempenhou essa tarefa, quando mostrou que

no domingo último, pelas 11 ½ foi inaugurado o Grupo Escolar “General Valladão” ... / O ato efetuou-se com alta solenidade, e foi assistido por crescido número de pessoas de todas as classes sociais. / Deu início à festa uma bela oração pronunciada pelo exmo. d. José, ilustre bispo desta diocese, que em seguida lançou a sagrada benção àquele templo...²²

No evento ocorrido no Grupo General Valladão, após as palavras do bispo de Aracaju, outras autoridades também discursaram, entre elas, o presidente do Estado, Manoel P. de Oliveira Valladão (1914-18); o diretor da Instrução Pública, Helvécio de Andrade, e o representante da Liga de Defesa Nacional, Francisco de Macedo.

Findas as cerimônias, a todos foram servidos ‘champagne’, cervejas, águas minerais, licores e doces. / Os alunos dos grupos escolares compareceram com as suas respectivas professoras e auxiliares, distinguindo-se pela sua boa ordem o grupo General Siqueira, dirigido inteligentemente pelo ilustre advogado Major Mecenaz Peixoto ... Abrihantaram o ato as bandas de música do 41º Batalhão de Caçadores e do Corpo Policial. / Foram cantados hinos patrióticos pelas alunas dos grupos na solenidade da inauguração. (ibidem, p.1)

Inaugurado o grupo escolar, momentos como os de datas cívicas e o aniversário da instituição, bem como eventos outros, a exemplo de homenagens a autoridades do estado e obtenção de benefícios para as caixas escolares, também eram vividos em ritmo de festa. Datas como o 21 de abril, o 7 e o 21 de setembro e o 24 de outubro estavam entre as mais festejadas nos grupos escolares de Sergipe nas primeiras décadas do século XX.

Em 12 de outubro de 1928, no Grupo Escolar Gumercindo Bessa, da cidade de Estância, foi solenizado o dia das crianças, mas, sobretudo, a descoberta da América por Cristóvão Colombo, como mostra o conteúdo da ata da comemoração cívica:

Reunidos no edifício escolar, às 10 horas do dia, todo corpo docente e discente do estabelecimento, assim como os alunos da escola municipal “Heitor de Souza”, realizou-se uma sessão cívica, presidida pelo delegado regional, Antonio Xavier de Assis, o qual convidou para secretariá-lo o professor João Esteves, en-

tão nesta cidade. Abrindo a sessão o presidente, depois de expor os fins da mesma, designou-me para dissertar sobre a data comemorada, quanto ao grande acontecimento da Descoberta da América, pedindo ao professor João Esteves que dissertasse sobre a criança. Obedecendo à honrosa solicitação fiz um resumo histórico do grandioso acontecimento, enaltecendo a personalidade eminente de Cristóvão Colombo, o imortal descobridor do Novo Mundo. / Em seguida usou da palavra o professor João Esteves, e com a eloquência que lhe é peculiar falou longamente sobre a criança expondo quais os seus deveres quando começavam a receber as sagradas luzes da instrução, terminando por beijar entre palmas a fronte de uma das alunas do Grupo, como expressão a mais afetiva dos sentimentos humanos. Em seguida, recitou a bela poesia de Castro Alves, “O Livro e a América”, a professora d. Maria Araújo, e, em seguida a ela, recitaram também várias alunas do mesmo Grupo, poesias épicas de autores nacionais.../ Cordiais Saudações / Estância, 16 de outubro de 1928. / O diretor / dr. Jessé de Andrade Fontes.²³

O 13 de maio também era motivo de solenidade. A exemplo do experimentado em outros grupos, em 1925, a diretoria do Grupo Escolar Sylvio Romero (Lagarto) informava à Diretoria da Instrução:

Com prazer cumprio o dever, de comunicar-vos que, com as digníssimas colegas d.d. Maria das Dores de Barros, Esmeralda Flora de Carvalho e Herminia de Araújo Aragão neste Grupo Escolar, jubiladas comemoramos hoje o grande sucesso da Fraternidade Brasileira, fiz preleção para os alunos e estes com entusiasmo entoaram patrióticos hinos, havendo vivas diversas, inclusive ao nosso preclaro presidente do Estado e a V.Sa.²⁴

Em 1930, no edifício da Escola Normal, onde por um período funcionou o Grupo Escolar General Siqueira, foi também solenizada a data de abolição da escravidão. Em artigo publicado no *Correio de Aracaju* em maio de 1930, pode-se vislumbrar o teor da festa. Afirmava-se no periódico que “O departamento de ensino público que é o Grupo Escolar General Siqueira, desta capital, realizou, ontem, conforme foi anunciado, uma brilhante festa comemorativa à data da libertação dos escravos”.²⁵ Ao discorrer sobre a festa, informava o jornal a presença do presidente do Estado, assim como a de deputados, alunas, professoras, aluno do Atheneu Pedro II, “proferindo vibrante oração alusiva ao dia 13 de Maio”. Além disso, a cerimônia contara com a exposição de caricaturas criadas pelo artista, já bastante conhecido em Sergipe e em todo o país na época, Jordão de Oliveira.

Como não poderia deixar de ser, a exemplo de outras solenidades ocorridas no período, essas, em comemoração a datas cívicas, também contavam com discursos pronunciados por autoridades do Estado e sempre se referiam a uma pessoa ou fato de grande relevância nacional. Na festa ocorrida no Grupo General Siqueira, acima citada, discursaram os deputados Xavier de Oliveira e Passos Cabral, e houve recitativos e declamações por parte de pessoas dos corpos docente e discente da instituição.

Conforme as descrições das festas publicadas na imprensa da época, todos os eventos ocorridos no Grupo General Siqueira processavam-se dentro da mais perfeita disciplina, exatamente da forma pregada pelos representantes do novo regime político. Em outros termos, tudo reinava ordenadamente, demonstrando progresso, civilidade. Festas em que alunos, professoras, porteiros e serventes mantinham-se em ordem, a postos, contando com o toque musical da banda de música da Força Pública do Estado, geralmente presente em todas as festas cívicas.

A data da Independência do Brasil, obviamente, era uma comemoração obrigatória. A própria Diretoria da Instrução Pública do Estado incumbia-se de determinar a realização da cerimônia. No ano de 1927, o Grupo Escolar Olympio Campos realizou um passeio cívico pelas ruas da cidade, acompanhado da banda de música local e da Escola Noturna Tobias Barreto, que se incorporou à caminhada, havendo ao final o hasteamento e arreamento solene da Bandeira.²⁶ A cerimônia ocorrida dois anos após também retrata o caráter festivo de tais eventos:

Comunico a V.Exa. que o dia 7 de setembro foi solenemente celebrado neste estabelecimento. / Às 9 horas no salão “Com. Garcindo”, houve lugar uma brilhante sessão cívica, entoado o hino inicial, fez a preleção, sobre o grande feito histórico a professora d. Maria Zaphira do Sacramento, falando em seguida a aluna da 4ª série Elzira Mesquita. Depois de novos hinos patrióticos fiz o discurso de encerramento concitando os jovens alunos ao muito gosto que devem ter pela história Pátria, e a sagrada admiração pelos seus grandes vultos, cujo estudo será compensado com o desenvolvimento do sagrado amor cívico.²⁷

Assim também se manifestou a diretoria do Grupo Escolar Coelho e Campos, em 1928, na cidade de Capela, ao relatar sobre a festividade estendida da manhã até às 18 horas do dia 7 de setembro:

Tenho a honra de comunicar-vos que a data de 7 de setembro, que comemora a nossa independência, foi assim festejada neste Grupo Escolar, sob minha dire-

ção: De acordo com o dr. Nicanor Leal convidei a escola isolada do Tamanduá, as 2 escolas municipais e os colégios particulares desta cidade para se reunirem, no Grupo, às 10 horas, sendo atendido o meu pedido. Às 11 horas, presentes o dr. Juiz de Direito da Comarca, o dr. Nicanor Leal, o exator e o coletor, grande número de senhoritas, senhoras e mais pessoas gradadas, eu e a professora substituta, d. Euthalia Couto fizemos preleção às crianças desenvolvendo o fato histórico que se comemorava e incentivando-os no amor da Pátria. / Foram cantados os hinos – Nacional e Sergipano, terminando a festa ao meio dia. / Às 3 horas da tarde, reunidos de novo no Grupo todos os alunos em número superior a 200, incorporados seguimos para a Intendência Municipal, em cujo salão nobre achavam-se as autoridades locais e a elite da sociedade Capelense. / Nesta ocasião usaram da palavra os senhores cônego José Cabral, o dr. Juiz de Direito Nicanor Leal e Advaldo Campos que brilhantemente dissertaram sobre o assunto do dia. Também recitaram poesias adequadas ao ato, 4 crianças. / Às 4 horas da tarde os alunos do Grupo fizeram exercícios de ginástica em frente à Intendência Municipal, saindo depois em passeata pelas principais ruas da cidade, até a praça da Matriz, onde novamente fizeram exercícios de ginástica, seguindo depois para o Grupo, debandando às 6 horas da tarde. / Durante a festividade só uma falta se notou: foi a do Pavilhão Nacional que este Grupo não tem.²⁸

Registros provenientes de outros grupos sergipanos declaravam a existência de solenidades comemorativas alusivas ao dia 7 de setembro durante toda a Primeira República, contando, de modo geral, com a reunião das demais escolas da cidade, palestras de autoridades, hinos, poesias, apresentação de ginástica e desfiles cívicos.²⁹

De forma semelhante, o dia 21 de abril consistia também em um forte momento de vivência cívica. Nessa data rememorava-se a figura de Tiradentes, considerado pelo diretor do Grupo Escolar Barão de Maroim (Aracaju), “o herói e mártir da Inconfidência Mineira, e um dos mais notáveis e destemidos semeadores da árvore benquista da liberdade em terras Brasileiras”.³⁰ De forma festiva, com base em determinação oficial da Diretoria da Instrução, o Grupo Escolar Gumerindo Bessa (Estância) dava o exemplo de realização da solenidade. Em ofício para a Diretoria da Instrução, comunicava a direção do Grupo acerca da realização de solenidade cívica com a presença de “não só corpo docente e discente do estabelecimento, como também as professoras das escolas isoladas, estaduais e municipais e de colégios particulares, acompanhados dos seus alunos e grande número de pessoas gradadas...”³¹ tais como o Juiz de Direito da Comarca e o administrador da Mesa de Rendas Estaduais.

No Grupo Severiano Cardoso (Boquim) também se comemorava o dia dedicado a Tiradentes. A sessão cívica, em 1928, presidida pelo inspetor escolar, dr. José Maria de Carvalho Mello, foi organizada em dois ambientes. Primeiramente fora do prédio escolar, onde se registrou a presença de todo o corpo docente. Houve hasteamento da bandeira, canto de hinos e recitativo de poesias por parte das alunas, em um ambiente em que, segundo o inspetor, “os distintos alunos, com revelada disciplina, deram aos assistentes a impressão de uma solenidade na qual se traduzia o sentimento pátrio, que entre os mesmos alunos já se vai formando”. Em seguida, a cerimônia seguiu seu curso dentro do edifício do Grupo que se apresentava em aspecto festivo, acompanhado de grande número de senhoras e senhoritas da elite boquinhense e das principais autoridades do lugar, destacando-se a presença do chefe político local, intendente, exator, escrivão da Exatoria, tabelião público, negociantes e mais pessoas ilustres. O presidente da sessão cívica, inspetor escolar José Maria Melo, encerrou seu relato sobre a solenidade elogiando a direção do estabelecimento e outras autoridades do Estado com palavras e frases emotivas, numa clara evidência de uma manifestação cultural da época.³²

Outras datas ainda eram alvos de comemorações, como a Independência de Sergipe (24/10), o fim da Guerra da Cisplatina (27/08), o centenário de nascimento do marechal Deodoro da Fonseca (05/08), a Proclamação da República (15/11), a Bandeira Nacional (19/11) e os feitos na Batalha de Tuyuti (24/03). Os presidentes de Sergipe valorizavam a tal ponto as festas escolares que chegavam a tratar delas em mensagens aos deputados estaduais.³³ A importância das festas em seu caráter cívico e patriótico era ressaltada pelo presidente Manoel Dantas (1927-1930), que informava: “tenho incentivado essa iniciativa em benefício das gerações de amanhã, desde cedo esclarecidas no valor dos nossos grandes homens e no conhecimento da nossa nacionalidade”.³⁴

As cerimônias de homenagens eram também frequentes e revestidas de um aspecto capaz de impressionar, seduzir, emocionar, convencer mesmo a todos os espectadores, que ao final saíam das solenidades tendo vivenciado verdadeiros momentos de civismo. A homenagem a um personagem ilustre da história local ou do Brasil transformava-se, indiretamente, em um momento de elevação da República. Um exemplo disso foram as festas alusivas ao presidente Pereira Lobo (1918-22), em 1922, largamente divulgadas nos jornais aracajuano, antes mesmo dos eventos, em forma de convites para toda a sociedade. Na ocasião da homenagem no Grupo Escolar Barão de Maroim, o presidente compareceu ao local acompanhado de sua família e foi recepcionado por outras autoridades e pelo público. Após a recepção ao homenageado,

um discurso enaltecendo-lhe a personalidade foi realizado. Fazendo uso da palavra, o presidente agradeceu a homenagem e comentou ainda mais acerca da sua própria vida e sua trajetória política, num ritual que se repetia em ocasiões semelhantes.³⁵

No Grupo Escolar Manoel Luiz (Aracaju) foi homenageado o presidente Graccho Cardoso (1922-1926). Este, que nas palavras da diretora da instituição era “o restaurador da Instrução, o preclaro e honesto conservador dos princípios democráticos constituídos, que não mede esforços para impulsionar o progresso em nossa terra”,³⁶ teve, em outubro de 1924, seu retrato colocado no salão principal do Grupo em cerimônia festiva. Acerca do tema:

Em homenagem ao preclaro presidente dr. Mauricio Graccho Cardoso e a outro distinto filho de Sergipe, paraninfo deste grêmio escolar, dr. Manoel Luiz de Araujo Azevedo, de saudosa memória ... este ato de civismo foi assistido pelo Exmo. sr. dr. presidente do Estado e por considerável número de pessoas gradas, autoridades civis e militares, diretores de estabelecimento de ensino e docentes, que com suas presenças emprestaram brilho a esta festa de civismo.³⁷

A homenagem se refletiu no interior do estado, convidando-se o diretor da Instrução Pública: “Tenho a subida honra de comunicar a VS^a que será inaugurado no dia 22 do corrente no Grupo ‘Gumersindo Bessa’, o retrato do excelentíssimo dr. Maurício Graccho Cardoso, benemérito presidente do Estado, pedindo a VS^a que se digne de fazer-se representar nessa solenidade”.³⁸

Motivos ainda para a realização de festividades eram aqueles proporcionados pelo trabalho das caixas escolares³⁹ quer na promoção de festas para arrecadação de fundos,⁴⁰ quer na contribuição concreta para os grupos, como a distribuição de uniformes para os alunos carentes. Na capital ocorreu, em 1920,

a entrega de 197 uniformes e 55 kepes às classes primárias, donativo feito pela “Caixa Escolar Elvira Valladão”. / Ao ato, que teve lugar entre cânticos patrióticos, entoados pelo corpo discente, compareceram, além do diretor do estabelecimento, os drs. Carvalho Neto, Ascendino Argollo, major Xavier de Assis e todo o professorado ... Com vivas e hinos ao Governo do Estado e à Instrução, terminou a festividade, fazendo-se a distribuição dos objetos acima mencionados.⁴¹

Verifica-se, portanto, que os grupos escolares, além de instituições de ensino, também exerciam uma função de lugar de reunião social, pois centralizavam em suas sedes eventos comemorativos entre as escolas da região e

recebiam tanto a população destas quanto pessoas diversas da sociedade que, diante da expressão das comemorações, encaminhavam-se a tais cerimônias. Para a realização desses acontecimentos, a cooperação das professoras era imprescindível. Quanto ao diretor, cabia a função de coordenar os espetáculos. Ele mantinha contato com as autoridades locais para prestigiar as comemorações. O contato, os auxílios e as responsabilidades tornavam o anfitrião também uma autoridade do lugar, era ele que dirigia o grupo, centro irradiador de cultura, além de escolar, cívica; o que contribuiu, em relação aos grupos escolares, certamente, para a construção de uma imagem favorável, porque festiva, organizada e com propósito no imaginário social.

Os hinos davam às solenidades o tom marcante do civismo. No entanto, é importante ressaltar que o cântico destes não estava circunscrito às solenidades festivas. As atividades cotidianas dos grupos eram demarcadas por hinos, o que demonstra o propósito conjunto de celebração do civismo e promoção da educação manifestado em um cotidiano escolar ritualizado no interior dos grupos escolares.

Pode-se aduzir que os hinos motivavam alunos e professores para cada nova etapa das tarefas diárias e tornaram-se tão importantes na demarcação do tempo escolar quanto como instrumentos da pedagogia cívica então praticada. Por esse motivo, professores e intelectuais dispuseram-se ao trabalho de compor músicas e escrever letras para enriquecer e diversificar o acervo de cantos a serem praticados nas escolas. Ensina Borges que “o civismo era uma política nacional, tendo em vista incorporar valores, normas, hábitos, emblemas e mitos voltados para o ‘engrandecimento da Pátria’, bem como formatar o trabalhador para a fábrica, disciplinado, obediente às normas hierárquicas”.⁴²

Em Sergipe, a prática do canto de hinos chegou a ser sistematizada em 1913, sendo materializada na elaboração de um hinário constituído como um complemento do regimento interno das escolas públicas primárias.⁴³ O hinário divide-se em duas partes – hinos patrióticos e hinos escolares – e foi organizado pelo professor Balthazar Góes, diretor dos dois primeiros grupos escolares da capital, com a colaboração de diferentes profissionais sergipanos na condição de compositores. De acordo com o Programa de Ensino de 1912, todos os quatro anos de estudo deveriam incluir o canto de:

Hinos patrióticos: o Nacional, o da Independência, o da República, o Sergipano, etc. *Ecolares:* do começo e encerramento das sessões; da saída para o recreio e reentrada na classe. De recreio e de trabalho (no recreio): o ferreiro, o remador, o marceneiro, o lavrador, o serrador; pequenos cânticos em movimento de mar-

cha militar. *Este programa é de todas as classes. A música escolar é aprendida de oitiva na aula.*⁴⁴

Homogeneizava-se e disciplinava-se assim essa prática, de tal modo que o conhecimento do conjunto de hinos escolares constantes no hinário sergipano tornou-se uma marca identificadora da formação dos alunos nas escolas locais numa determinada época, contribuindo assim para tornar as instituições de ensino primário locais de memória. Se apenas na década de 1920 os grupos escolares foram expandidos em Sergipe, o ritual do cântico de hinos entronizado nessas escolas difundiu-se também entre as escolas isoladas, fazendo que pessoas escolarizadas numa mesma geração tenham muito viva a memória e a emoção do cântico dos hinos.

O cuidado com essa atividade é lembrado pela ex-aluna do Grupo Escolar General Siqueira, Araújo, ao dizer que havia ensaios para o canto de hinos. Segundo ela,

ali se cantava o hino, ou o hino da Bandeira ou o hino Nacional, e que nós ensaiávamos todo sábado, todo sábado tinha ensaio de hino. O hino Sergipano também, o diretor dava depois umas palavras, umas coisas, orientando os alunos para se comportarem bem, para estudarem, mostrando que o futuro estava ali. (Araújo, 2003)

O hinário das escolas primárias públicas de Sergipe, como se viu, divide-se em duas partes. Na primeira, correspondente aos hinos patrióticos, estão a letra, a música e as instruções para o cântico dos seguintes hinos: Sergipano, da Independência, Nacional, da República e da Bandeira. Todos possuíam datas determinadas e ocasiões para serem entoados. A segunda parte do hinário corresponde aos hinos escolares. Estes, em número de doze, eram direcionados a vários momentos do cotidiano da escola, tais como o começo da aula, a saída para o recreio, o retorno do recreio e a retirada de aula, além do hino com que deveriam ser recepcionados os visitantes ilustres. As instruções do Programa de Ensino para o ritual do canto nas escolas são bem explícitas quanto à postura dos alunos e professores:

Antes da entrada para as classes, os alunos formarão sob a vigilância de seus professores e desfilarão, cantando um hino inicial dos trabalhos, até as salas respectivas, conservando-se de pé em quanto terminam o cântico. À saída para o recreio e à reentrada para as aulas, proceder-se-á do mesmo modo. No fim de cada sessão, formados sairão cantando o hino de retirada.⁴⁵

A prática efetiva do canto é atestada por vários registros provenientes dos antigos grupos, dos jornais e dos relatórios de inspetores escolares. A importância dos hinos escolares na sociedade pode ser medida pela frequência com que compositores, poetas e homens de letras em geral, também ligados ao magistério, escreveram letras ou compuseram músicas. Esse dado é indicativo do uso de uma linguagem comum, que permite verificar como os hinos escolares transmitiam os ideais que permeavam o imaginário republicano acerca da instrução pública no país. De modo geral, as letras expressavam conceitos sobre o trabalho e o trabalhador, sobre a relação entre o trabalho e o estudo; falavam do amor à pátria, da importância da escola, bem como do livro, considerado ferramenta do saber. A repetição dessas temáticas era sincronizada com o uso de certas palavras-chave, usadas como veículos de difusão da consciência sobre a chegada de um novo tempo de progresso, de trabalho e de amor, estimulando a capacidade de sacrifício pelo país. Assim, aparecem principalmente estas palavras: heróis, guerreiros, progresso, glória e aurora.

Como mostra Carvalho (1989, p.127), a educação republicana deveria moldar a população para a nova face que se queria impingir ao país. Por esse motivo, “saúde, moral e trabalho compunham o trinômio sobre o qual se deveria assentar a educação do povo”. Essa concepção se fez presente na cultura da escola, cuja organização administrativa e pedagógica passava a se fundamentar nos ideais da racionalidade científica e na divisão do trabalho. Hierarquizava-se para melhor administrar, organizar, disciplinar.

Nesse sentido, o culto ao trabalho era tema inspirador de vários hinos. O trabalho como recurso contra a miséria, como aliado às batalhas da vida, como chave da vitória. O estudo, por sua vez, aparece como garantia de um trabalho compensador no futuro. A importância atribuída ao trabalho é central nesse imaginário republicano, preocupado com o progresso da pátria. Para atingi-lo, tudo passava pela ordem e pela disciplina da escola, caminho para a construção de um país moderno e de um povo civilizado.

A instalação de um grupo, tido como ‘templo do saber’, era marcada com caráter de cerimônia, uma vez que ele era visto como resultado do progresso e desenvolvimento do ambiente de instalação. Os grupos foram suportes de símbolos políticos e sociais, tais como a bandeira, o quadro de horários e os hinos pátrios e escolares. A divulgação dos seus eventos na imprensa reafirmava o papel da escola nos desígnios da sociedade.

Nos grupos escolares, “e por meio deles, os republicanos buscarão mostrar a própria República e seu projeto educativo exemplar ... Projetavam um futuro em que na República o povo, reconciliado com a nação, plasmava uma

pátria ordeira e progressista”.⁴⁶ Nessa linha, a população tinha contato com as manifestações da cultura escolar através de inúmeras festividades realizadas nos grupos escolares. Nessas festividades, o canto de hinos era um momento marcante. As festas aconteciam por vários motivos ao longo do ano letivo. Entre estes, destacava-se o início das férias, os eventos em benefício de caixas escolares, as homenagens e as datas cívicas.

Esses momentos eram marcados por lições de patriotismo. Nas letras dos hinos escolares sergipanos o culto aos heróis como exemplos a serem admirados e seguidos era inspiração frequente. Os heróis pátrios eram apresentados como guerreiros que contribuíram para o novo amanhecer do país em um futuro brilhante.

O cântico de hinos na escola foi instrumento inquestionável de educação cívica. Sua prática, como se viu, fazia-se presente não somente em datas comemorativas do calendário oficial, mas também em ocasiões particulares, como os aniversários das instituições escolares e a recepção de visitas ilustres. Nessas ocasiões, o entusiasmo com que se cantavam os hinos casava-se com a disciplina estrita dos corpos perfilados de meninas e meninos respeitosos diante dos símbolos da pátria ou da presença de autoridades ou da evocação aos heróis do país e do estado. Mas foi a repetição cotidiana, cadenciando o ritmo do tempo escolar e motivando os alunos para cada nova atividade, o que marcou corações e mentes com forte emoção.

Essa construção simbólica em torno da escola primária modelar – os grupos escolares – fez que a instituição passasse a ser vista por toda a sociedade de forma diferenciada. Era, pois, o lugar de formação onde as crianças teriam uma orientação adequada, adaptada aos tempos modernos. Enfim, todos os eventos anteriormente citados estiveram, conforme Souza, imbricados na construção da identidade institucional e desempenharam a função de sacralizar o grupo como expressão da pátria e da República: “Pedagogia política e simbólica da escola primária que não pode ser subestimada na compreensão da cultura brasileira na transição do século XIX para o século XX”.⁴⁷

Nas festas escolares, não se comemorava apenas a aprovação dos estudantes com a recepção do seu diploma de formatura. Elas eram também momentos de celebração do civismo devido à propaganda das autoridades constituídas. Através de discursos pronunciados nessas ocasiões, o presidente do estado era lembrado com palavras entusiasmadas, o que, em consequência, servia para engrandecer o estado, logo, a República. Elas funcionavam como meios através dos quais os dirigentes públicos e educacionais difundiam o ideal de uma nação civilizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano dos grupos era marcado por atividades regulares e regulamentadas, voltadas para as atividades escolares e a formação cívica. Exames, festas e exposições oficiais, além de visitas de autoridades, davam a tônica de uma instituição altamente organizada. Cotidiano rigidamente estruturado, programas e regulamentos a cumprir, eventos a serem organizados, cidadãos a serem formados; uma cultura escolar rigorosamente planejada – eis a vida nos grupos escolares, locais de memórias escolares, cívicas, de infância e frequentemente celebradas.

A escola pública primária, antes discreta, restrita à cultura do lar (escolas isoladas), agora proclamava progresso, ordem, ação, trabalho, patriotismo, grandiosidade. Doravante, o seu discurso traria o sucesso do ensino que formaria homens de ação, de trabalho, verdadeiros cidadãos republicanos. Discurso esse não restrito apenas aos envolvidos com a instituição, mas estendido a toda a sociedade na qual ela estava inserida, uma vez que as suas portas se abriam recheadas de espetáculo para toda a população. Logo, indiretamente a grandeza dessas instituições contribuía para a absorção dos ideais da nova organização do Estado, ou seja, o ideário republicano.

NOTAS

¹ AZEVEDO, Crislane B. de. Arquitetura e grupos escolares em Sergipe: uma relação entre espaço e educação na escola primária. *Revista Outros Tempos*, v.7, n.10, p.119-142, 2010. (Dossiê História e Educação).

² De acordo com a reforma da instrução de 1911, responsável pela implantação dos grupos escolares em Sergipe, o ensino primário passava a ser ministrado em grupos escolares e escolas isoladas. Ver: ESTADO DE SERGIPE. *Regulamento do Ensino Primário expedido pelo Exm. Snr. Dr. José Rodrigues da Costa Dória presidente do Estado por decreto n. 563 de 12 de agosto de 1911*. Aracaju: Typ. Commercial, 1911.

³ ARAÚJO, N. M. de: depoimento [ago. 2003]. Entrevistadora Crislane B. de Azevedo. Aracaju, 2003. 1 fita MC-60. Entrevista concedida à pesquisa sobre a implantação dos Grupos Escolares em Aracaju.

⁴ O encerramento das aulas do Grupo “Siqueira de Menezes”. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 25/11/1922, n.3562, p.1; Grupo Escolar Siqueira de Menezes. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 24/11/1922, n. 382, p. 1.

⁵ Referências onde podemos encontrar analogias entre os grupos escolares e templos: *Diário da Manhã*, Aracaju, 31/08/1918, 17/03/1914 e 03/09/1918; *Estado de Sergipe*, Aracaju,

10/07/1917, 03/09/1918 e 13/09/1918; *Correio de Aracaju*, Aracaju, 01/09/1918 e 03/09/1918.

⁶ As férias do Grupo Escolar General Siqueira. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 25/11/1925, n.1226, p.2.

⁷ O Grupo General Siqueira encerra seus trabalhos. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 23/11/1919, n.2744, p.1.

⁸ Grupo Modelo. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 22/11/1922, n.380, p.1.

⁹ Pela Instrução – Grupo General Siqueira. *Diário da Manhã*, Aracaju, 06/06/1914, n.944, p.2.

¹⁰ O Grupo General Siqueira encerra seus trabalhos. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 23/11/1919, n.2744, p.1.

¹¹ Donativo ao Grupo Escolar General Valladão. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 13/07/1919, n.2639, p.1.

¹² Exemplos disso podem ser encontrados em: *Correio de Aracaju*, 07/06/1917, 19/10/1917 e 10/11/1917; *Diário da Manhã*, 09/10/1914, 07/06/1917 e 28/08/1917, e Livro de Termos de Visita do Grupo Escolar Manoel Luiz – 1924-1947.

¹³ Ver: ESTADO DE SERGIPE. *Regulamento do Ensino...* Aracaju: Typ. Commercial, 1911. p.17.

¹⁴ Ver: ESTADO DE SERGIPE. *Regulamento do Ensino...* Aracaju: Typ. Commercial, 1911. p.27.

¹⁵ AZEVEDO, Crislane B. de. *Grupos escolares de Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância*. Natal: EdUFRN, 2009.

¹⁶ Ofício de 01/06/1925 e Ofício 03/12/1927 do Grupo Escolar Fausto Cardoso para a Diretoria da Instrução.

¹⁷ Termo de Vista de 12/03/1925 do Delegado do Ensino da Bahia Alberto de Assis em visita ao Grupo Escolar Manoel Luiz.

¹⁸ Ofício de 27/03/1930 do Grupo Escolar Severiano Cardoso para a Diretoria da Instrução; Ofício 24, de 11/04/1929 do Grupo Escolar Olympio Campos para a Diretoria da Instrução.

¹⁹ Ofício de 01/06/1927 do Grupo Escolar João Fernandes de Brito para a Diretoria da Instrução.

²⁰ Resultado de exames e promoções: *O Estado de Sergipe*, Aracaju, 23/11/1915, 25/11/1915; *Estado de Sergipe*, Aracaju, 22/11/1917, 27/10/1918, 29/10/1918, 30/10/1918, 31/10/1918 e 01/11/1918; *Sergipe Jornal*, Aracaju, 22/11/1921, 25/11/1921, 26/11/1921, 03/12/1921 e 05/12/1921.

²¹ CARVALHO, Marta Maria C. de. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.7.

²² Instrução Publica: Grupo “General Valladão” – sua inauguração solenne. *Diário da Manhã*, Aracaju, 03/09/1918, n.2133, p.1.

²³ Acta de comemoração do dia 12 de outubro de 1928 realizada no Grupo Escolar Gumerindo Bessa.

²⁴ Ofício de 13/05/25 do Grupo Escolar Sylvio Romero para a Diretoria da Instrução.

²⁵ A festa de amanhã no Grupo General Siqueira. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 12/05/1930, ano 23, n.1359, p.1.

²⁶ Ofício 51, de 08/09/1927, do Grupo Escolar Olympio Campos para a Diretoria da Instrução.

²⁷ Ofício 50, de 16/09/1929, do Grupo Escolar Olympio Campos para a Diretoria da Instrução.

²⁸ Ofício 267, de 08/09/1928, do Grupo Escolar Coelho e Campos para a Diretoria da Instrução.

²⁹ Termo de Visita de 07/09/1927 do delegado do ensino Antonio X. de Assis em visita ao Grupo Gumerindo Bessa; Acta da sessão cívica, comemorativa... em 07/09/1928 no Grupo Fausto Cardoso.

³⁰ Ofício 11, de 23/04/1928, do Grupo Escolar Barão de Maroim para a Diretoria da Instrução.

³¹ Ofício de 23/4/1927, do Grupo Escolar Gumerindo Bessa para a Diretoria da Instrução.

³² Ver: Termo de Visita de 21/04/1928 do inspetor escolar dr. José Maria de Carvalho Mello em visita ao Grupo Escolar Severiano Cardoso.

³³ Cf. SERGIPE. *Mensagem apresentada á Assembléa...* 07/09/1927, 07/09/1929 e 07/09/1930.

³⁴ SERGIPE. *Mensagem apresentada á Assembléa...* 07/09/1927, p.6-7.

³⁵ As recentes homenagens ao sr. dr. Pereira Lobo – No Grupo Escolar Barão de Maroim. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 14/10/1922, n.3530, p.1; A inauguração do retrato do dr. Pereira Lobo no Grupo General Siqueira. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 24/10/1922, n.3538, p.2/3.

³⁶ Neste período Sergipe enfrentava uma revolta tenentista, a qual não obteve sucesso, tendo sido restaurada a normalidade na vida da Capital, Aracaju, em agosto de 1924, com a restituição de Graccho Cardoso ao governo do estado. Por isso a diretora do Grupo Manoel Luiz refere-se ao presidente Graccho como o “honesto conservador dos princípios democráticos constituídos”.

³⁷ Livro de correspondência oficial do Grupo Escolar Manoel Luiz – 1924-1927, p.10, 10v, 11, 12v e 13.

³⁸ Ofício de 17/11/1925, do Grupo Escolar Gumerindo Bessa para a Diretoria da Instrução.

³⁹ As caixas escolares eram entidades civis destinadas a ajudar a manutenção dos alunos pobres nas escolas, através, por exemplo, do fornecimento de materiais escolares. O patrimônio dessas instituições beneficentes era composto, principalmente, por contribuições pagas pelos associados, produtos de subscrições e festas de iniciativa pública ou particular, doação e legados, verbas fixadas no orçamento do Estado ou no dos municípios e pela quota do fundo escolar, conforme a distribuição realizada pelo diretor geral da instrução. Esse patrimônio seria utilizado para o fornecimento de roupas e calçados, assim como livros e outros objetos escolares aos alunos reconhecidamente pobres.

⁴⁰ São registros das festas para arrecadação de numerários para auxílio dos grupos: *Sergipe Jornal*, Aracaju, 29/09/1921, 01/10/1921 e 03/10/1921; *Correio de Aracaju*, Aracaju, 12/09/1917, 01/10/1921 e 04/10/1921.

⁴¹ Grupo Escolar General Valladão. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 27/07/1920, n. 2927, p.1.

⁴² BORGES, Vera L. A. Projetos pedagógicos praticados na Escola estadual de Uberlândia – 1920-1960. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1. *Anais...* Niterói: s.n., 2001.

⁴³ GÔES, Balthazar. *Hymnario dos Grupos Escolares e Escolas Singulares do Estado de Sergipe*: complemento do Regimento Interno. Sergipe: Imprensa Nacional, 1913.

⁴⁴ SERGIPE. *Programma para o Ensino Primário especialmente os Grupos Escolares do Estado de Sergipe*. Aracaju: Typ. d'O Estado de Sergipe, 1912. Grifos do original.

⁴⁵ SERGIPE. *Programma para o ensino primario...*, 1912.

⁴⁶ LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.225.

⁴⁷ SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. p.277.

Artigo recebido em 24 de março de 2011. Aprovado em 10 de outubro de 2011.